

# O Livro de Urântia

---

<< [Documento 144](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 146](#) >>

---

## Documento 145

### Os Quatro Memoráveis Dias em Cafarnaum

145:0.1 (1628.1) JESUS e os apóstolos chegaram em Cafarnaum na noite de terça-feira, 13 de janeiro. Como de costume, fizeram da casa de Zebedeu, em Betsaida, a sua sede. Agora que a morte de João Batista havia acontecido, Jesus se preparava para lançar-se à primeira campanha de pregação aberta e pública, na Galiléia. A novidade de que Jesus havia voltado espalhou-se rapidamente por toda a cidade e, no dia seguinte bem cedo, Maria, a mãe de Jesus, apressou-se a partir para Nazaré, no intuito de visitar o seu filho José.

145:0.2 (1628.2) Jesus passou a quarta-feira, a quinta-feira e a sexta-feira, na casa de Zebedeu, instruindo os seus apóstolos, na preparação para a primeira grande viagem pública que fariam. Também recebeu e ensinou a muitos buscadores sinceros da verdade, tanto em grupos, quanto isoladamente. Por intermédio de André, ele comprometeu-se a falar na sinagoga no próximo dia de sábado.

145:0.3 (1628.3) Bem tarde, na noite de sexta-feira, Rute, a irmã mais nova de Jesus, fez-lhe, secretamente, uma visita. Eles passaram quase uma hora juntos, em um barco ancorado a uma pequena distância da praia. Nenhum ser humano, exceto João Zebedeu, jamais soube dessa visita, e a ele foi recomendado que não falasse a ninguém sobre ela. Rute era o único membro da família de Jesus que acreditava, de um modo consistente e resoluto, na divindade da missão terrena dele, desde a época inicial da consciência espiritual de Jesus e ao longo de toda a sua memorável ministração, até a sua morte, ressurreição e ascensão; e ela, finalmente, passou à vida futura não tendo nunca duvidado do caráter sobrenatural da missão do seu pai-irmão na carne. A pequena Rute foi o maior conforto de Jesus, no que dizia respeito à sua família terrena, durante as provas cruéis do seu julgamento, da sua rejeição e da sua crucificação.

## **1. O Lanço com a Rede Repleta de Peixes**

145:1.1 (1628.4) Na sexta-feira, pela manhã, dessa mesma semana, quando Jesus estava ensinando à beira da praia, o povo em volta dele empurrou-o até tão perto da água que ele fez um sinal para alguns pescadores, trabalhando num barco próximo, para que viessem resgatá-lo. Ele entrou no barco e continuou a ensinar à multidão reunida, por mais de duas horas. Esse barco chamava-se “Simão”; era o antigo barco de pesca de Simão Pedro e havia sido construído pelas próprias mãos de Jesus. Nessa manhã, em particular, o barco

estava sendo usado por Davi Zebedeu e dois companheiros seus, que haviam acabado de vir de uma praia próxima, depois de uma noite infrutífera de pescaria no lago. Eles estavam limpando e reparando as suas redes, quando Jesus pediu-lhes que viessem ajudá-lo.

145:1.2 (1628.5) Depois de Jesus ter acabado de ensinar ao povo, ele disse a Davi: “Tu te atrasaste para vir ajudar-me, agora deixa que eu trabalhe contigo. Vamos pescar; vá para o fundo e joga as tuas redes para um arrastão”. Mas Simão, um dos ajudantes de Davi, respondeu: “Mestre, é inútil. Nós lutamos toda a noite e não pegamos nada; contudo, a seu pedido iremos até lá e lançaremos as redes”. E Simão consentiu em seguir a indicação de Jesus, por causa de um gesto feito pelo seu patrão, Davi. Quando chegaram no local indicado por Jesus, eles jogaram as redes e pegaram uma quantidade tão grande de peixes, que temeram pelo rompimento das redes e tiveram de sinalizar aos seus companheiros, nas margens, para que viessem ajudá-los. Quando haviam enchido todos os três barcos de peixes, até quase afundarem, Simão caiu aos joelhos de Jesus dizendo: “Sai de perto de mim, Mestre, pois eu sou um pecador”. Simão e todos aqueles que estavam envolvidos nesse episódio ficaram assombrados com a quantidade de peixes na rede. Desde aquele dia, Davi Zebedeu, o seu ajudante Simão e os seus companheiros abandonaram as suas redes e seguiram Jesus.

145:1.3 (1629.1) Este, entretanto, não foi um lanço milagroso da rede, em nenhum sentido. Jesus era um estudante cuidadoso da natureza; era um pescador experiente e conhecia os hábitos dos peixes no mar da Galiléia. Nessa ocasião, ele apenas levou esses homens até o local

onde os peixes geralmente deveriam ser encontrados naquela hora do dia. Mas os seguidores de Jesus sempre consideraram esse fato como um milagre.

## **2. À Tarde na Sinagoga**

145:2.1 (1629.2) No sábado seguinte, durante o serviço da tarde na sinagoga, Jesus pregou o seu sermão sobre “A Vontade do Pai do Céu”. Pela manhã, Simão Pedro havia pregado sobre “O Reino”. No encontro de quinta-feira, à noite, na sinagoga, André havia proferido um ensinamento cujo tema foi “O Novo Caminho”. Nesse momento em particular, havia mais pessoas acreditando em Jesus na cidade de Cafarnaum do que em qualquer outra cidade na Terra.

145:2.2 (1629.3) Jesus ensinou na sinagoga, nessa tarde de sábado; e, conforme o costume, o primeiro texto ele o tomou da lei, lendo do Livro do Êxodo: “E servirás ao Senhor, teu Deus, e Ele abençoará o teu pão e a tua água, e toda a doença será afastada de ti”. Jesus escolhera o segundo texto dos profetas, lendo de Isaías: “Levanta-te e resplandece, pois a tua luz já veio, e a glória do Senhor levantou-se sobre ti. As trevas podem cobrir a Terra e uma profunda obscuridade pode recobrir o povo, mas o espírito do Senhor levantar-se-á sobre ti, e a glória divina será vista contigo. Até mesmo os gentios virão para essa luz, e muitas grandes mentes render-se-ão ao esplendor dessa luz”.

145:2.3 (1629.4) Esse sermão foi um esforço da parte de Jesus para deixar claro o fato de que a religião é uma *experiência pessoal*. Entre outras coisas, o Mestre disse:

145:2.4 (1629.5) “Bem sabeis que um pai de coração terno, amando a sua família como um todo, considera-a como um grupo, por causa do forte afeto que dedica a cada membro individual dessa família. Não mais deveis pensar no Pai do céu como filhos de Israel, e sim como *filhos de Deus*. Enquanto grupo, sois de fato filhos de Israel, contudo, como indivíduos cada um de vós é um filho de Deus. Eu vim, não para revelar o Pai aos filhos de Israel, e, sim, para trazer esse conhecimento de Deus e a revelação do Seu amor e misericórdia ao indivíduo que crê, como uma experiência pessoal genuína. Os profetas todos têm ensinado que Yavé importa-se com o seu povo, que Deus ama Israel. Contudo, eu vim até vós para proclamar uma verdade maior, uma verdade que muitos dos profetas recentes também compreenderam, a verdade de que Deus *vos* ama — a cada um de vós — como indivíduos. Em todas essas gerações, vós tendes conhecido uma religião racial ou nacional, agora eu vim para vos dar uma religião pessoal.

145:2.5 (1630.1) “Contudo, mesmo essa não é uma idéia nova. Muitos, dentre vós, que tendes a mente espiritualizada, têm sabido dessa verdade, porquanto alguns dos profetas vos instruíram desse modo. Acaso não lestes as escrituras onde o profeta Jeremias diz: ‘Naqueles dias não se dirá mais que os pais comeram uvas ainda verdes e os filhos ficaram com os dentes estragados. Cada homem morrerá pela sua própria iniquidade; todo homem que comer uvas ainda verdes

ficará com os dentes estragados. Vede, dias virão em que farei uma nova aliança com o Meu povo, não de acordo com a aliança que Eu fiz com os pais deles, quando os tirei das terras do Egito, mas de acordo com o novo caminho. Eu irei até mesmo escrever a Minha lei nos seus corações. Eu serei o seu Deus, e eles serão o Meu povo. Naquele dia, cada homem ao seu vizinho, não irá dizer: Tu conheces o Senhor? Não! Pois todos eles Me conhecerão pessoalmente, desde o menor até o maior de todos’.

145:2.6 (1630.2) “Acaso não lestes sobre tais promessas? Não acreditais nas escrituras? Não compreendeis que as palavras dos profetas estão realizadas naquilo que podeis ver já no dia de hoje? E Jeremias não vos exortou a fazer da religião um assunto do coração, para vos relacionardes com Deus como indivíduos? E acaso o profeta não vos falou que o Deus do céu buscaria vossos corações individualmente? E não fostes avisados de que o coração humano natural é enganoso acima de todas as coisas, e que, muitas vezes, é desesperadamente malvado?

145:2.7 (1630.3) “Não lestes, também em Ezequiel, onde ele ensinou até mesmo aos vossos pais que a religião deve tornar-se uma realidade nas vossas experiências individuais? Não mais usareis o provérbio que diz: ‘Os pais comeram uvas ainda verdes e seus filhos ficaram com os dentes estragados’. ‘Enquanto eu viver’, diz o Senhor Deus, ‘observai que todas almas sejam Minhas; como a alma do pai, e também a alma do filho. Apenas a alma que peca morrerá’. E, então, Ezequiel previu mesmo esse dia, no qual, em nome de Deus, falou:

‘Um novo coração também darei a ti, e um novo espírito colocarei dentro de ti’.

145:2.8 (1630.4) “Não mais deveis temer que Deus puna uma nação, pelo pecado de um indivíduo; nem o Pai do céu punirá um dos seus filhos crentes, pelos pecados de uma nação, ainda que o membro individual de qualquer família, freqüentemente, tenha de sofrer as conseqüências materiais dos erros da família e das transgressões do grupo. Não compreendeis que a esperança de uma nação melhor — ou de um mundo melhor — está ligada ao progresso e ao esclarecimento do indivíduo?”

145:2.9 (1630.5) Então o Mestre descreveu que a vontade do Pai do céu, depois que o homem discerne tal liberdade espiritual, é de que os Seus filhos, na Terra, deveriam começar aquela eterna ascensão da carreira ao Paraíso, que consiste na resposta consciente da criatura ao estímulo divino do espírito residente, de encontrar o Criador, de conhecer Deus e buscar ser como Ele.

145:2.10 (1630.6) Os apóstolos foram grandemente ajudados por esse sermão. Todos eles compreenderam mais completamente que o evangelho do Reino é uma mensagem dirigida ao indivíduo, não à nação.

145:2.11 (1630.7) O povo de Cafarnaum, mesmo estando familiarizado com os ensinamentos de Jesus, ficou surpreendido com esse sermão, nesse dia de sábado. E Jesus ensinou, de fato, como alguém que tem autoridade e não como os escribas.

145:2.12 (1630.8) Quando Jesus acabou de falar, um homem ainda jovem da congregação, que tinha estado muito agitado por causa daquelas palavras, foi tomado por um ataque epilético violento e gritava alto. Ao fim da crise, ao recuperar a consciência, ainda em um estado meio de sonho, ele disse: “O que temos nós a ver contigo, Jesus de Nazaré? Tu és o santo de Deus; acaso vieste para destruir-nos?” Jesus pediu silêncio à assistência e, tomando o jovem pela mão, disse: “Sai deste estado” — e ele acordou imediatamente.

145:2.13 (1631.1) Esse jovem não estava possuído por nenhum espírito impuro, nem demônio; ele era vítima da epilepsia comum. Mas haviam ensinado a ele que a sua aflição era atribuída à posse de um espírito malévolo. E, acreditando nisso, ele procedia de acordo, em tudo o que pensava ou dizia que se referisse à sua doença. O povo acreditava que tais fenômenos eram causados diretamente pela presença de espíritos impuros. E, assim, concluía que Jesus havia expulsado um demônio para fora desse homem. No entanto, Jesus, naquele momento, não curou a epilepsia dele. Só mais tarde, naquele dia, depois do entardecer, é que esse homem ficou realmente curado. Muito tempo depois do Dia de Pentecostes, o apóstolo João, que foi o último a escrever sobre os atos de Jesus, evitou qualquer referência a esses atos assim chamados de “expulsão de demônios”, e ele fez isso tendo em vista o fato de que tais casos de possessão demoníaca nunca ocorreram depois de Pentecostes.

145:2.14 (1631.2) O resultado é que esse incidente corriqueiro espalhou-se rapidamente, por toda Cafarnaum, como se Jesus tivesse expulsado um demônio de um homem e o tivesse curado, miraculosamente, na

sinagoga, na conclusão do seu sermão vespertino. O sábado era exatamente o dia para um rumor tão surpreendente espalhar-se, rápida e efetivamente. E a história foi também levada até todos os povoados menores, nos arredores de Cafarnaum, e muita gente acreditou nela.

145:2.15 (1631.3) Os trabalhos de cozinha e de arrumação, na grande casa de Zebedeu, onde Jesus e os doze estavam hospedados, eram feitos, na sua maior parte, pela esposa e pela mãe de Simão Pedro. A casa de Pedro era próxima á de Zebedeu; e Jesus e os seus amigos pararam lá, quando vinham da sinagoga, porque a sogra de Pedro tinha estado doente por vários dias, com calafrios e febre. E aconteceu que, durante o tempo em que Jesus ficou ao lado dessa mulher adoentada, segurando a sua mão, acariciando a sua fronte e dizendo-lhe palavras de conforto e de encorajamento, a febre foi embora. Jesus ainda não havia tido tempo para explicar, aos seus apóstolos, que nenhum milagre fora realizado na sinagoga; e, com esse incidente tão recente e vívido nas suas mentes, e com a lembrança da água e do vinho em Caná, eles tomaram essa coincidência como um outro milagre, e alguns deles correram para espalhar as novas por toda a cidade.

145:2.16 (1631.4) Amata, a sogra de Pedro, estivera sofrendo com a febre da malária. Ela não havia sido miraculosamente curada por Jesus naquele momento. E, só várias horas mais tarde, depois do pôr-do-sol, é que a sua cura foi efetivada quando do acontecimento extraordinário que ocorreu no jardim da frente da casa de Zebedeu.

145:2.17 (1631.5) E esses casos são típicos da maneira pela qual uma geração em busca de milagres, e um povo com a mente voltada para os milagres, infalivelmente, agarram-se a tais coincidências como um pretexto para proclamar que mais um milagre havia sido realizado por Jesus.

### **3. A Cura ao Entardecer**

145:3.1 (1631.6) No momento em que Jesus e os seus apóstolos estavam prontos para tomar a sua refeição da noite, perto do final desse dia de sábado cheio de acontecimentos, toda a Cafarnaum e os seus arredores estavam inquietos por causa desses supostos milagres de cura; e, todos que estavam doentes, ou afligidos, começaram os seus preparativos para irem a Jesus ou para serem carregados até ele, pelos seus amigos, tão logo o sol se pôs. De acordo com o ensinamento judeu, não era permitido sequer ir em busca da saúde durante as horas sagradas do sábado.

145:3.2 (1632.1) E, portanto, tão logo o sol escondeu-se no horizonte, dezenas de crianças, mulheres e homens afligidos começaram a tomar o caminho da casa de Zebedeu, em Betsaida. Um homem partiu com a sua filha paralisada, tão logo o sol se escondeu por trás das casas da vizinhança.

145:3.3 (1632.2) Os acontecimentos de todo o dia haviam preparado o quadro para essa cena extraordinária ao entardecer. Até mesmo o texto que Jesus havia usado para o seu sermão dessa tarde deixava a

entender que a doença devia ser banida; e ele havia falado com uma força e com uma autoridade totalmente sem precedentes! A sua mensagem era irresistível! Sem fazer nenhum apelo ao poder humano, ele falou diretamente às consciências e às almas dos homens. Embora Jesus não tenha recorrido à lógica, nem às minúcias legais, nem a explicações engenhosas, ele fez um apelo poderoso, direto, claro e pessoal aos corações dos seus ouvintes.

145:3.4 (1632.3) Aquele sabat foi um grande dia na vida terrena de Jesus, sim, e na vida de um universo. Para todos os fins e propósitos, no universo local, a pequena cidade judia de Cafarnaum foi a capital de Nébadon. O punhado de judeus, na sinagoga de Cafarnaum, não foi o único grupo a ouvir aquela declaração memorável de fechamento do sermão de Jesus: “O ódio é a sombra do medo; a vingança é a máscara da covardia”. E também os seus ouvintes não poderiam esquecer as suas palavras abençoadas, declarando: “O homem é filho de Deus, não um filho do diabo”.

145:3.5 (1632.4) Logo após o pôr-do-sol, enquanto Jesus e os apóstolos ainda estavam na mesa de jantar, a esposa de Pedro ouviu vozes no jardim da frente e, chegando até a porta, viu um grande número de doentes reunindo-se, e viu que a estrada de Cafarnaum estava lotada por aqueles que vinham em busca da cura pelas mãos de Jesus. Ao deparar com essa visão, ela foi imediatamente informar o seu marido, e este contou a Jesus.

145:3.6 (1632.5) Quando o Mestre saiu da porta de entrada da casa de Zebedeu, os seus olhos depararam-se com um grande número de

seres humanos enfermos e afligidos. E o seu olhar pasmo pôde ver quase mil seres humanos doentes e sofredores; esse era por baixo o número de pessoas reunidas diante dele. Nem todos os presentes eram afligidos; alguns haviam vindo para ajudar os seus seres amados, nesse esforço de assegurar a cura.

145:3.7 (1632.6) Ver todos aqueles mortais afligidos, homens, mulheres e crianças, sofrendo, em grande parte, em consequência dos erros e transgressões dos seus Filhos, aos quais confiara a administração do universo; tocou especialmente o coração humano de Jesus e desafiou a sua misericórdia divina de Filho Criador benevolente. Jesus, no entanto, bem sabia que ele nunca poderia criar um movimento espiritual duradouro apoiando-se na fundação de prodígios puramente materiais. A sua política consistente havia sido a de abster-se de exhibir as suas prerrogativas de criador. Desde Caná, nada de sobrenatural ou de miraculoso acompanhara os seus ensinamentos; mas essa multidão aflita tocou o seu coração compassivo e apelou poderosamente para o seu afeto cheio de compreensão.

145:3.8 (1632.7) Uma voz no jardim da frente disse: “Mestre, exclama a palavra, restaura a nossa saúde, cura as nossas doenças e salva as nossas almas”. Mal essas palavras haviam sido ditas e uma vasta comitiva de serafins, de controladores físicos, de Portadores da Vida e de intermediários, que sempre acompanhou este Criador, encarnado, de um universo, se fez pronta para atuar com o poder criativo, apenas o seu Soberano desse o sinal. Esse foi um dos momentos, na carreira terrena de Jesus, em que a sabedoria divina e

a compaixão humana estiveram tão entrelaçadas, no pensamento do Filho do Homem, que ele buscou refúgio apelando para a vontade do seu Pai.

145:3.9 (1632.8) Quando Pedro implorou ao Mestre que desse ouvidos aos pedidos de ajuda, Jesus, vendo de cima a multidão afligida, respondeu: “Eu vim ao mundo para revelar o Pai e estabelecer o Seu Reino. Com esse propósito eu vivi a minha vida até este momento. Portanto, se for da vontade Dele, que me enviou, e se não for incompatível com a minha dedicação à proclamação da boa-nova do Reino do céu, eu desejaria ver os meus filhos curados... e “ — mas as outras palavras de Jesus perderam-se no tumulto.

145:3.10 (1633.1) Jesus havia passado a responsabilidade da decisão dessa cura para o comando do seu Pai. Evidentemente que a vontade do Pai não colocou nenhuma objeção, pois, mal haviam sido pronunciadas as palavras do Mestre, o conjunto das personalidades celestes, que servia sob o comando do Ajustador Personalizado de Jesus, estava já poderosamente mobilizado. A vasta comitiva desceu, em meio à multidão variada de mortais aflitos e, em poucos instantes, 683 homens, mulheres e crianças foram curados, ficaram perfeitamente sadios de todas as suas doenças físicas e de outras desordens materiais. Essa cena nunca foi testemunhada na Terra, antes desse dia; e, depois, tampouco. E para aqueles de nós, que estavam presentes, contemplando essa onda criativa de cura, foi de fato um espetáculo emocionante.

145:3.11 (1633.2) No entanto, entre todos os seres que ficaram surpreendidos com essa súbita e inesperada explosão de cura

sobrenatural, Jesus era o mais surpreso. Num momento em que os seus interesses humanos e as suas simpatias estavam focalizadas na cena de sofrimento e de aflição instalada ali, diante dele, ele esquecera-se de manter a sua mente humana atenta aos avisos de prevenção dados pelo seu Ajustador Personalizado, a respeito da impossibilidade de limitar as suas prerrogativas criativas de Filho Criador, no que concernia ao elemento tempo, sob certas condições e em certas circunstâncias. Jesus desejou ver todos esses mortais sofredores curados, se a vontade do Pai não fosse violada com isso. O Ajustador Personalizado de Jesus, instantaneamente, comandou esse ato de energia criativa naquele momento, pois não iria transgredir a vontade do Pai do Paraíso e, com essa decisão — em vista da expressão precedente, de desejo de cura, de Jesus — , o ato criativo *aconteceu*. Aquilo que um *Filho Criador* deseja, e que é a *vontade* do seu Pai, É. Em toda a vida subsequente de Jesus na Terra, nenhum outro ato de cura física em massa aconteceu.

145:3.12 (1633.3) Como era de se esperar, a fama dessa cura ao entardecer, em Betsaida, Cafarnaum, espalhou-se em toda a Galiléia, Judéia e em todas as regiões mais distantes. Uma vez mais os temores de Herodes foram despertados; assim ele enviou observadores para trazer relatos sobre o trabalho e os ensinamentos de Jesus, e para que ficasse apurado se ele era o antigo carpinteiro de Nazaré ou se era João Batista ressuscitado de entre os mortos.

145:3.13 (1633.4) Sobretudo mediante essa demonstração, não intencional, de cura física, daí por diante, durante todo o restante da sua carreira terrena, Jesus tornou-se tanto um médico quanto um pregador. Bem

verdade é que ele continuou o seu ensinamento, mas, sobretudo, o seu trabalho pessoal consistiu principalmente mais em ministrar aos doentes e aos desamparados, enquanto os seus apóstolos faziam o trabalho de pregação pública e de batizar os crentes.

145:3.14 (1633.5) Contudo, nessa demonstração ao entardecer, a maioria daqueles que receberam a cura física sobrenatural ou criativa por meio da energia divina, não obteve um benefício espiritual de modo permanente dessa manifestação extraordinária de misericórdia. Um pequeno número, de fato, se viu edificado por essa ministração física, mas o Reino espiritual em nada ficou mais avançado nos corações dos homens, diante dessa efusão espantosa de cura criativa fora do tempo.

145:3.15 (1633.6) As curas miraculosas que, de quando em quando, acompanhavam a missão de Jesus na Terra, não eram parte do seu plano de proclamação do Reino. Elas foram inerentes, incidentalmente, à presença na Terra, de um ser divino de prerrogativas quase ilimitadas de criador, junto com uma combinação sem precedentes de misericórdia divina e de compaixão humana. Mas esses chamados milagres trouxeram a Jesus muitos problemas, pois produziram uma publicidade geradora de preconceitos e propiciaram bastante notoriedade não almejada.

## **4. A Noite Seguinte**

145:4.1 (1634.1)

Durante a noite seguinte a esse grande desencadeamento de cura, a multidão rejubilante e feliz invadiu a casa de Zebedeu, e os apóstolos de Jesus foram levados ao clímax mais alto de entusiasmo emocional. De um ponto de vista humano, esse foi provavelmente o dia mais grandioso de todos os grandes dias da ligação deles com Jesus. Em nenhum momento, anterior ou posterior, as esperanças deles subiram a alturas tais de expectativa confiante. Jesus havia dito a eles, poucos dias antes, quando eles estavam ainda dentro das fronteiras de Samaria, que era chegada a hora em que o Reino seria proclamado em *poder*, e agora os olhos deles viam o que eles supunham ser o cumprimento daquela promessa. Eles estavam emocionados com a visão do que devia vir, se essa assombrosa manifestação de poder de cura fosse apenas o começo. As suas dúvidas pendentes sobre a divindade de Jesus foram banidas. Eles estavam literalmente intoxicados pelo êxtase de um encantamento estupefaciente.

145:4.2 (1634.2)

Entretanto, quando todos procuraram por Jesus, não o conseguiram encontrar. O Mestre estava muito perturbado pelo que havia acontecido. Os homens, mulheres e crianças que haviam sido curados de diversas doenças ficaram lá, até tarde da noite, esperando pelo retorno de Jesus, para que lhe pudessem agradecer. Os apóstolos não conseguiam entender a conduta do Mestre, pois as horas passavam e ele permanecia em reclusão; o contentamento deles poderia ter sido pleno e perfeito, não fosse a ausência continuada do Mestre. Quando Jesus retornou para junto deles, já era tarde da noite, e praticamente todos os beneficiários do episódio

da cura haviam ido para as próprias casas. Jesus não aceitou as congratulações e a adoração dos doze e dos outros que haviam ficado para cumprimentá-lo, dizendo apenas: “Rejubilai, não porque o meu Pai seja poderoso para curar o corpo, e sim porque Ele é poderoso para salvar a alma. Vamos descansar, pois amanhã deveremos cuidar dos assuntos do Pai”.

145:4.3 (1634.3) E, de novo, esses doze homens, se desapontaram; perplexos e de corações entristecidos foram para o seu descanso; poucos deles, afora os gêmeos, dormiram bem, naquela noite. Mal o Mestre fazia alguma coisa para encorajar as almas e alegrar os corações dos seus apóstolos, e já parecia imediatamente despedaçar as esperanças e até demolir as fundações da coragem e entusiasmo deles. Quando esses pescadores, perplexos, se olharam nos olhos uns dos outros, só tinham um pensamento: “Nós não podemos compreendê-lo. O que pode significar tudo isso?”

## **5. No Domingo Bem Cedo**

145:5.1 (1634.4) Jesus também não dormiu muito, naquela noite de sábado. Ele havia compreendido que o mundo estava cheio de infortúnios físicos e sobrecarregado de dificuldades materiais; e previu o grande perigo que seria forçar-se a devotar tanto do seu tempo a cuidar de doentes e aflitos, e que a ministração das coisas físicas podia acabar interferindo na sua missão de estabelecer o Reino espiritual nos corações dos homens, ou que essa missão

acabasse ficando subordinada à ministração das coisas físicas. Por causa desse pensamento e de outros semelhantes, que ocuparam a mente mortal de Jesus, durante a noite, ele levantou-se naquele domingo de manhã, muito antes do dia nascer, e, sozinho, caminhou até um dos seus locais favoritos para a comunhão com o Pai. Os temas da oração de Jesus, nessa manhã bem cedo, foram a sabedoria e o julgamento, para que ele conseguisse poder evitar que a sua compaixão humana e, junto, a sua misericórdia divina, exercessem um apelo tal para ele, diante da presença do sofrimento mortal, que todo o seu tempo acabasse sendo ocupado com a ministração física, em detrimento da ministração espiritual. Embora ele não desejasse evitar, de todo, a ministração aos doentes, ele sabia que devia também se dedicar a fazer o trabalho mais importante de ensinamento espiritual e de aperfeiçoamento religioso.

145:5.2 (1635.1) Jesus sempre ia às colinas para orar, porque por ali não havia quartos onde pudesse ficar isolado na sua devoção pessoal.

145:5.3 (1635.2) Pedro não conseguiu dormir naquela noite; e, assim, muito cedo, pouco depois de Jesus ter saído para uma prece, ele acordou Tiago e João, e os três foram ao encontro do Mestre. Depois de mais de uma hora de busca, encontraram Jesus e imploraram a ele que lhes dissesse qual o motivo da sua estranha conduta. Eles desejavam saber por que ele parecera perturbado com a poderosa efusão do espírito de cura, já que todo o povo estava transbordando de júbilo e já que os seus apóstolos estavam tão contentes.

145:5.4 (1635.3) Durante mais de quatro horas Jesus empenhou-se em explicar a esses três apóstolos o que havia acontecido. Ele mostrou-

lhes o que se passara e explicou sobre os perigos de tais manifestações. Jesus confidenciou-lhes sobre o motivo de ter vindo orar. Ele buscava deixar claras, para os seus seguidores pessoais, as razões verdadeiras pelas quais o Reino do Pai não podia ser construído sobre a realização de prodígios e de curas físicas. Mas eles não podiam entender o seu ensinamento.

145:5.5 (1635.4) Nesse meio tempo, cedo na manhã de domingo, outras multidões de almas aflitas, e muitos curiosos, começaram a ajuntar-se perto da casa de Zebedeu. Clamavam para ver Jesus. André e os apóstolos estavam tão perplexos que, enquanto Simão zelote falava para a multidão, André, junto com vários dos seus condiscípulos, foi procurar Jesus. Quando André localizou Jesus, em companhia dos três, ele disse: “Mestre, por que nos deixa sozinhos com a multidão? Vê, todos os homens te procuram; nunca antes tantos estiveram buscando os teus ensinamentos. E, mesmo agora, a casa está cercada daqueles que vieram de perto e de longe por causa das tuas obras poderosas. Tu não irás conosco para ministrar a eles?”

145:5.6 (1635.5) Ao ouvir isso, Jesus respondeu: “André, eu não ensinei a ti e a esses outros que a minha missão na Terra é a revelação do Pai; e que a minha mensagem é a proclamação do Reino do céu? Como, pois, queres desviar-me da minha obra, para a gratificação dos curiosos e para a satisfação daqueles que andam atrás de sinais e prodígios? Não estivemos junto a esse povo todos esses meses? E eles não se atropelaram nas multidões, para ouvir sobre as boas-novas do Reino? Por que agora eles nos assediam? Não seria por causa da cura dos seus corpos físicos, mais do que para receber a verdade espiritual

da salvação das suas almas? Quando os homens sentem-se atraídos para nós, por causa de manifestações extraordinárias, muitos deles não vêm em busca da verdade e da salvação, mas da cura para seus males físicos, e para assegurar a libertação das suas dificuldades materiais.

145:5.7 (1635.6) “Durante todo esse tempo eu estive em Cafarnaum, e tanto na sinagoga quanto junto ao mar eu proclamei as boas-novas do Reino a todos que tiveram ouvidos para ouvir e corações para receber a verdade. Não é da vontade do meu Pai que eu volte convosco, para satisfazer a esses curiosos e para ocupar-me com a ministração das coisas físicas, abandonando as coisas espirituais. Eu vos ordenei que pregassem o evangelho e que ministrassem aos doentes, mas eu não posso ficar ocupado pelas curas e deixar de lado os meus ensinamentos. Não, André, eu não voltarei contigo. Vai e dize ao povo para acreditar em tudo aquilo que nós lhe ensinamos, e para rejubilar-se com a liberdade de filhos de Deus, e te prepara para a nossa partida rumo a outras cidades da Galiléia, onde o caminho já foi preparado para a pregação das boas-novas do Reino. Com esse propósito é que eu vim do Pai. Vai, então, e cuida da nossa partida imediata, enquanto eu espero pela tua volta.”

145:5.8 (1636.1) Quando Jesus acabou de falar, André e os seus companheiros apóstolos partiram tristemente de volta para a casa de Zebedeu, dispersaram a multidão reunida e, rapidamente, aprontaram-se para a viagem, como Jesus havia mandado. E, assim, na tarde de domingo, 18 de janeiro, do ano 28 d.C., Jesus e os apóstolos partiram para a sua primeira campanha de pregações

realmente públicas e abertas, nas cidades da Galiléia. Nessa primeira viagem, eles pregaram o evangelho do Reino em muitas cidades, mas não visitaram Nazaré.

145:5.9 (1636.2) Naquele domingo à tarde, pouco depois de Jesus e os seus apóstolos terem partido para Rimom, os seus irmãos Tiago e Judá vieram vê-lo, batendo na casa de Zebedeu. Por volta do meio-dia, Judá procurou o seu irmão Tiago e insistiu para que fossem até Jesus. No momento em que Tiago consentiu em ir com Judá, Jesus já havia partido.

145:5.10 (1636.3) Os apóstolos detestaram ter de abandonar Cafarnaum, onde um interesse tão grande havia sido despertado. Pedro calculava que nada menos de mil crentes poderiam ter sido batizados para o Reino. Jesus ouviu-os pacientemente, mas não consentiu em voltar. O silêncio prevaleceu durante um certo tempo e, então, Tomé dirigiu-se aos seus companheiros apóstolos, dizendo: “Vamos! O Mestre já disse. Não importa que não possamos entender plenamente os mistérios do Reino do céu; de uma coisa estamos certos: Seguimos um instrutor que não busca nenhuma glória para si próprio”. E, ainda que de um modo relutante, seguiram todos para pregar as boas-novas nas cidades da Galiléia.